

em relação à Verdade, o experiente dirigente era espontaneamente convocado, igualmente, a um mundo novo de sensações e emoções.

Nem sempre, chegar a locais de refazimento e educação na erraticidade é indício de sossego interior. Marcondes, na medida em que alargava a visão, desenvolvia a angústia pertinente à esmagadora maioria dos que deixam o corpo perecível. Uma aflição tomava o lugar da arrogância. Assaltado pelas horas vazias, logo lhe foi indicado o trabalho como medicação inadiável em favor de sua paz. Seguindo orientações bem encadeadas, passou a integrar as equipes de colaboradores operosos do nosocômio.

⁽¹⁾ Lucas, 17:20.

⁽²⁾ *O Céu e o Inferno*, 2a. parte, capítulo VI.

12

Nossas Obras

“Será por influência de algum Espírito que, fatalmente, a realização dos nossos projetos parece encontrar obstáculos?”

“Algumas vezes, é isso efeito da ação dos Espíritos; muito mais vezes, porém, é que andais errados na elaboração e na execução dos vossos projetos. Muito influem nesses casos a posição e o caráter do indivíduo. Se vos obstinais em ir por um caminho que não deveis seguir, os Espíritos nenhuma culpa têm dos vossos insucessos. Vós mesmos vos constituís em vossos maus gênios.”

O Livro dos Espíritos, questão 534.

Selena, por sua vez, aguardava com ansiedade o momento de sua visita ao centro espírita que dirigiu na cidade mineira. Sua visita à reunião de transferência da diretoria seria sua primeira excursão ao plano terreno. Ali a vida a esperava com preciosas lições...

Antes de partirem, Dona Modesta sentenciou-lhe:

— Filha, como te sentes ante a perspectiva da visita?

— Apreensiva. Estranha-me a minha reação, pois, até então, outra coisa não desejava senão fazer essa visita. Agora, parece-me que o peito carrega uma dor, uma angústia. Muito estranho!...

— Seus sonhos, como têm sido?

— Tenho sonhado muito com Angélica, minha

substituta. Nela encontro minha esperança da continuidade das obras deixadas na Terra. Orientei-a com farta dose de conhecimento e experiência para essa hora. Por outro lado, meus sonhos dão-me a impressão que ela está atrás de uma grade e não consegue chegar até mim. Isso me aflige, e, quando acordo, tenho a nítida sensação de separação, de impossibilidade de chegarmos uma à outra.

— Compreendo...

— Creio que seja saudade, apenas isso!

— Talvez, Selena! Talvez! – exclamou Dona Modesta que sabia com detalhes o que acontecia.

Possuindo a bondade e a consciência pacificada, Selena não apresentou nenhuma dificuldade na volitação. Acompanhada por Doutor Inácio, Dona Modesta e uma equipe de defensores chefiada por Irmão Ferreira – servidor incansável de nossa casa de amor – seguimos para a capital mineira.

O coração de Selena encontrava-se quase incontrolável com a oportunidade. Nas imediações do bairro singelo onde se localizava a organização doutrinária, todo o grupo passou automaticamente por um processo de adensamento vibratório. Era como se andássemos no solo terreno e respirássemos o oxigênio. As criaturas nas ruas faziam seu percurso alheio à nossa presença.

— Paremos por aqui – orientou Dona Modesta a algumas quadras do local. Como está a situação, Ferreira?

— Vossa mercê se cuide, minha patroinha. Nada tá fácil por estas bandas! – respondeu Irmão Ferreira com seu típico palavreado e sotaque nordestino.

— Mantiveram o cerco?

— Os cabra se arrupiam de vez e montaro guarda. Não tem quem entre lá!

Selena, atenta ao diálogo, mostrou-se preocupada. Sem entender o ocorrido, seguimos a pé depois de orarmos em

conjunto. Dona Modesta, a par de tudo, preveniu:

— Selena, procure manter toda tranqüilidade em seu íntimo. O êxito depende de sua atitude.

— Temos algum problema?

— Temos.

Ao chegarem à construção – uma casa bem cuidada e pequena – vislumbraram uma cena dantesca. O centro estava totalmente rendido na mão de astuta falange da maldade. Alguns seres estranhos que mais lembravam anões gordos e totalmente esbranquiçados estavam no portão de entrada. Tinham a pele gordurosa. À distância, pareciam pedras que exalavam desagradável odor. Vigias por todos os lados, armados como bandidos prontos a atacar. Uma cerca, feita de peças estranhas retorcidas como metal, continha um símbolo da suástica em cada mourão. Dela partia uma irradiação pestilencial. Notava-se que uma luz partia de dentro da casa espírita em direção ao alto, entretanto, não esparramava-se pelas paredes, verticalizava-se como se fosse soprada por forte vento para cima. A oração feita pela diretoria mantinha uma conexão com outras esferas. A luz não era percebida pelos capangas. Ampliando o poder mental, pudemos entrever Angélica, possível continuadora das iniciativas de Selena, conduzindo a reunião.

— Dona Modesta, a senhora vai deixar esse grupo infeliz aqui? – externou a ex-dirigente.

— Pouco posso fazer, minha filha.

— Certamente querem prejudicar a transferência da diretoria.

— Não tenha dúvida, Selena! Observe e mantenha-se em prece. Vou entrar sem que me percebam.

— Vamos.

— Não, Selena! Você não poderá.

— Não poderei?...

— Se passar daqui, eles terão conhecimento da nossa

presença e então teremos um prejuízo real para a tarefa em curso.

— E como vou acompanhar a reunião?

— Você ouvirá tudo. Espere aqui.

Dona Modesta entrou sem dificuldades, sorrateiramente. Dotada de largo poder mental, furou o bloqueio vibratório sem alarde. Dentro da casa espírita, instalou pequeno componente condutor na mesa, e Selena, lá fora, passou a acompanhar através de um aparelho semelhante ao fone de ouvido. Após a prece, Angélica pronunciou:

— Irmãos! Hoje temos árdua tarefa pela frente. Um novo momento para esta casa de Jesus. Selena, nossa devotada seareira, foi colher seus frutos no além. Nossa reunião visa a analisar sua substituição e os novos planos para as tarefas.

Selena exultou com a referência e por ouvir a voz de Angélica.

— Todos sabem que nossa companheira brilhou nos serviços deste celeiro de bênçãos – prosseguiu Angélica. Ninguém, porém, desconhece os efeitos de seu temperamento controlador, em razão de algumas decisões excessivamente fortes, com as quais nenhum de nós nunca concordou.

Nessa altura Dona Modesta tomou o pequeno microfone e orientou a ex-dirigente que mantivesse calma.

— Creio, a menos que esteja equivocada, que Selena foi respeitada e obteve o tributo da amizade de todos nós, mesmo com tais discordâncias. Sua rigidez, entretanto, não ensejou que pensássemos livremente no serviço do Cristo e sim em pontos de vista pessoais. Ainda que nessa condição, realizamos abundantemente. Contudo, proponho, nessa hora, uma decisão de coragem e fidelidade a Jesus, a quem realmente muito devemos. Proponho duas medidas básicas e desafiadoras que constituirão os alicerces de muitos outros

caminhos. Primeiro, a administração em grupo e, segundo, a reativação do serviço de intercâmbio, extinto por Selena, em razão de sua visão sobre mediunidade.

Selena se mostrava apática com o que ouvia. Ímpetos agressivos nasceram em seu coração. Doutor Inácio postou-se ao seu lado, segurando-lhe o braço no intuito de evitar o pior. Angélica, apesar da firmeza, falava com ternura e autenticidade. Sua fala ponderada, entretanto, ofendia sofregamente a ex-presidente, que não resistiu ao teste, manifestando:

— Falsa! Sua falsa! – dirigindo-se a Angélica.

— Sossegue, Selena! Sossegue, ou pode estragar tudo – alertou Doutor Inácio.

— Estragar! Mais que ela está estragando. Que vontade de arrumar um médium nessa hora e lhe mandar um recado. Que raiva, meu Deus! Eu não acredito no que ouço!

Tomada de ira, ela gritou aos brados, descontroladamente:

— Que espécie de pessoa é você Angélica? Pode me ouvir, sua...? Isso é hipocrisia! Que adiantou tanto amor a essa casa para ter sua traição? Falsa! Falsa!...

A reação não podia ser pior. Os vigias escutaram a fala amarga de Selena e armaram-se para lutar.

— Procurem! Procurem! Temos intrusos... Escutei algo nas redondezas... Sinto cheiro de anjos no pedaço... Avisem os demais que estão no trecho... Chamem reforços!

Uma algazarra se estabeleceu. Selena, já sem controle, entrou em crise mental de revolta e medo, similar aos efeitos da síndrome do pânico. Mãos suarentas, batimento cardíaco acelerado, tremores... Foi retirada às pressas para o Hospital com baixíssima pulsação energética a ponto de desfalecer. Irmão Ferreira, como se já previsse o incidente, tomou as providências para proteger o andamento da reunião. Os capangas reforçaram a guarda, mas não vendo ninguém, aquietaram-se.

Já no Hospital, acomodada em leito apropriado, na mesma ala restrita que Marcondes ficou alguns dias antes, encontrava-se adormecida e ainda muito agitada. As mãos fechadas esmurravam a cama, requerendo correias de contenção. Rosângela, a enfermeira da ala, Dona Modesta e Doutor Inácio acompanhavam o desenrolar do quadro. Trinta minutos se passaram sem respostas desejáveis. A paciente entrou em regressão espontânea. Depois das mãos contidas, foi a vez dos pés que também foram presos com amarras. Babava e respirava a longos haustos. Sessenta minutos e, em uma espécie de transe profundo, Selena começou a balbuciar algumas palavras em diferente língua... Era um francês fluente e claro. Dona Modesta, dotada de xenoglossia no tempo, traduzia com facilidade.

— Qual seu nome? – interrogou Dona Modesta.

— Condessa... Condessa Pyrré...

— Em que ano estamos?

— 1573. Um ano depois da matança assassina...

— Matança?...

— ... São Bartolomeu.

— Em que país?

— França. Estou na Paris dos católicos. O “Reinado” do Papa Gregório XIII.

— Por que dos católicos?

— Deus está conosco.

— O que acontece com você neste momento?

— Estou no calabouço a mando dos Médicis. São traidores e interesseiros. Sou das últimas vítimas de Carlos IX, o mais vil e fraco dos reis franceses... Minha própria filha traiu-me...

— Quem?

— Elise... Elise Pyrré... Tentei poupá-la das atrocidades da corte... Em vão... Ela traiu-me para se ver livre de mim, do meu controle... Não sabe em que mãos vai acabar... Pobre Elise!

— Por que foi presa?

— Catarina, a rainha-mãe, detesta-me.

— O que você fez a ela?

— Roubei-lhe o marido. E o faria novamente. Amava-o. Odeio Catarina. Odeio a religião protestante. Gosto do povo. Detesto os rituais, são falsos... São falsos... São falsos!... São falsos!...

Selena entrou em “convulsão monoideísta” e não cessava de repetir a expressão.

Doutor Inácio propôs a sedação. Não se podia fazer muito por agora. A fixação em recordações estava na periferia dos fatos. Necessário que o quadro mental apresentasse uma melhora. Não basta regredir ao passado quando se tem objetivos terapêuticos. O importante é detectar emoções essenciais, vivências interiores que servem de grilhões e, o principal, desatar os “nós afetivos”... Sob observação contínua, foi levada ao posto próximo. Permaneceria sob vigilância redobrada.

Seria submetida a uma regressão mediúnica induzida quando passadas vinte e quatro horas. Dona Modesta “receber-lhe-ia” o inconsciente profundo, o corpo mental de Selena, para tratar-lhe as raízes de seu drama. Medicada a contento, ela adormeceu. Saindo dos aposentos, já com a hora avançada, Doutor Inácio e Dona Modesta travaram um diálogo descontraído sobre o assunto. Estavam exaustos, mas não perdiam o bom ânimo.

— Inácio, que dia abençoado! – exclamou Dona Maria já um tanto defasada das lutas do dia.

— Eu diria endiabrado! Os homens na Terra não imaginam o que seja uma rotina dessas...

— Dar sem receber, dar por amor de realizar! Quantos não terão extensas lutas com esta lição nesse outro lado da vida!

— Inclusive os espíritas!

— Inclusive os espíritas! É verdade!

— Estamos há exatas quinze horas em tarefa contínua. Só hoje visitei, por três vezes, a Terra. Não reclamo de nada, mas se tivesse meu cigarrinho de volta, acho que trabalharia mais quinze horas sem mau humor...

— Inácio! Inácio! Essa é a luta da qual estamos falando. Despojar-se dos costumes humanos!

— E ainda tem espírita achando que somos espíritos superiores!

— Se Deus nos perdoou por isso, há de perdoá-los também – brincou Dona Modesta.

— Deus, sim! Eu..., nem tanto... Ainda hoje, realizei consulta em meu gabinete a um desses dirigentes que mais gostam de uma mesa que de gente, velho companheiro das adjacências de Uberaba, e imagine o que ele queria!...

— O quê, Inácio?

— Que eu ficasse lhe fazendo sala. Batendo papo como fazem os mentores, disse ele... Disse também que estava muito feliz em estar onde estou, porque isso é sinal de superioridade e, como estava muito cansado da reencarnação, adoraria descansar alguns dias ao meu lado.

— E você... naturalmente...

— Naturalmente, dispensei-o como faço com qualquer pessoa iludida o bastante para ter essa miopia moral.

— Inácio, Inácio! O que disse a ele?

— O de sempre... Descansar depois da morte é coisa de carola e velho...

Os dois riram incontinentemente.

— Realmente há muita ilusão!

— Houve outro, um desses “enciclopedistas espíritas” que leram tudo sobre a doutrina, que ainda zombou de mim um dia desses. Passava por um corredor já cansado, com mau humor pior que o habitual, depois de quase vinte horas de trabalho, e sabe o que ele me disse?

— O quê?

— Doutor Inácio, que cara é esta? Até parece que o senhor está cansado?! Espírito superior não cansa, ouviu?! Aprenda a usar sua mente!

— E você...

— Eu lhe dei o troco merecido. Disse a ele que não estava cansado, estava arrependido de ter morrido. Devia ter ficado na Terra uns mil anos para não encontrar mais com religiosos. No sanatório espírita de Uberaba, pelo menos, essa segurança eu tinha. Não era obrigado a lidar com as tricas e futricas do movimento doutrinário!

— E ele?...

— Ele ainda me perguntou se tinha algo me incomodando.

— E você, naturalmente... – debochou Dona Modesta.

— Naturalmente, eu me calei, porque, se falasse naquela hora, seria um desastre!

— Se contarmos nos livros, realmente nossos irmãos terão dificuldade em acreditar sobre a realidade desse momento. Veja só o estado de meus cabelos, coisa horrível, meu Deus! Olhe a cor de meu guarda-pó! – e passou as mãos sobre os dejetos secos expelidos por Selena e vários outros atendimentos naquele dia. Quem imagina que também cansamos e precisamos do sono e dos aparelhos de recomposição energética? A grande maioria imagina-nos dotados de superlativo poder mental, capaz de tudo providenciar num passe de mágica. Usar a mente! Pensam que, ao morrer, tudo se resolve com a mente como se ela se soltasse do cérebro e...

— Passássemos a ter asas na cabeça – completou Doutor Inácio.

— É por aí, Inácio... Ao imaginar uma vida espiritual angelical, o homem adormece nas visões religiosas e estabelece um falso dimensionamento sobre a erraticidade.

— Não bastasse isso e, quando chegam aqui, ainda querem mudar o que Deus criou! Adoram dar pitacos e sentem-se os donos do pedaço.

— Donos do pedaço! Expressão humana que cabe bem na história de Selena.

— A senhora estudou a ficha com mais atenção... Teremos uma incisão anímica?

— Não há outra saída. Dentro de vinte e quatro horas, faremos uma varredura no inconsciente.

— E quando a senhora acha que Marcondes e Selena poderão saber da história?

— Na hora certa acontecerá, Inácio!

— O destino enlaçando almas até no plano espiritual... Quem diria! Mais uma para aqueles que julgam ter a “chave do céu”! Se a reencarnação é palco de laços de afeto e desafeto, a imortalidade é o camarim onde os homens carnis se despem das fantasias das ilusões para que se olhem como devem no espelho da realidade.

— Uai! – disse Dona Modesta como uma típica mineira – virou poeta, Inácio?...

— Não, Dona Modesta! Foi apenas uma crise psiquiátrica...

O bom humor permanente, a despeito do cansaço, não roubava nunca daqueles dois a chance de debocharem das mais sérias e profundas questões da vida. Essa característica pertinente a ambos era-lhes medicação e refazimento.

— Vamos descansar, Inácio, pois afinal de contas...

— Afinal de contas, temos horário para cumprir e a quem dar satisfações amanhã bem cedo.

13

Técnica Anímica

“A lembrança da existência corporal se apresenta ao Espírito completa e inopinadamente após a morte?”

“Não, vem-lhe pouco a pouco, qual imagem que surge gradualmente de uma névoa, à medida que nela fixa ele a sua atenção.”

O Livro dos Espíritos, questão 305.

A paciente estava há mais de vinte horas neste estado de coma mental. Monitorada por avançada tecnologia, seu quadro inspirava cuidado especial. Seu diagnóstico era delicado, uma fixação mnemônica em vivência pretérita. Selena guardava vínculos estreitos com Angélica (Elise Pyrré), dirigente encarnada que lhe substituiu nas tarefas e que fora sua filha. Sentimentos hostis tomavam conta de seu campo emocional à maneira de virulenta patologia cardíaca. Aliás, essa era a matriz da cardiopatia prolongada que a despejou do corpo físico. A utilização de técnicas anímicas de regressão poderia surtir efeitos positivos. Dona Modesta guardava larga experiência no tema. Utilizando-se de seus recursos mediúnicos, far-se-ia intermediária do corpo mental de Selena, a fim de serem executadas delicadas cirurgias. Passado o efeito das medicações sedativas, ela apresentava sinais vitais estáveis e pouca lucidez mental. Fizemos a oração junto à